

2º CADERNO

O FLUMINENSE

Niterói, quinta-feira, 17 de fevereiro de 2000

Livro revela bastidores do Cinema Orly

Segredos da sala escura

NATATSHA FONSECA

Um livro veio para criar confusão. **Cinema Orly**, do compositor niteroiense Luís Capucho, 37 anos, vai deixar muitos chocados e outros se sentindo traídos por ver revelado um local que para eles é secreto. O livro coloca às claras tudo o que acontece no escurinho deste cinema localizado em um sub-solo da Cinelândia. A história de Capucho revela detalhes do cinema pioneiro na exibição de filmes pornográficos.

Formado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1980, Capucho trabalhou durante muito tempo como professor de Língua Portuguesa na cidade de Papucaia, no Interior do Estado. Como compositor, Capucho tem o reconhecimento de vários artistas de sua geração e mais de cem composições próprias. Muitas delas já gravadas, como *Maluca*, que está no último disco de Cássia Eller, *Romena*, dele e Suelly Mesquita, gravada por Daúde e *A Máquina de Escrever*, feita em parceria com Mathilda Kovac e gravada por Pedro Luís e A Paredê.

Controvérsia - O livro de Capucho é o primeiro título da Interlúdio Editora e tem ilustrações, tão provocantes quanto o livro, do artistas gráfico César Lobo e prefácio

Idéia - A idéia de escrever o livro surgiu depois de Luís Capucho ter sofrido uma isquemia, em 1996, que o deixou um mês em coma. A perda dos movimentos e a dificuldade para falar foram algu-

de João Carlos Rodrigues. Em **Cinema Orly**, Luís

Capucho relata o cotidiano, os códigos e as regras do cinema e acaba tecendo teorias no mínimo instigantes sobre a masculinidade, homossexualidade e outros temas complexos e controversos. O autor relembra o tempo em que era frequentador assíduo do local, sem medo da exposição. "O livro tem um pouco de autobiografia e de ficção", comenta Luís Capucho.

mas das seqüelas contra as quais o compositor vem lutando desde então. Sem poder tocar violão, Capucho parou de compor. "Eu precisava fazer alguma coisa, ficava em casa o dia inteiro, sem poder andar. Não podia ficar parado. O assunto foi escolhido por representar um local e uma fase muito importante para mim. Eu precisava falar sobre isso", completa o autor. Assim, começou a escrever sobre este momento importante de sua vida: os anos de 1995 e 1996, época em que frequentava o cinema Orly.

O interesse de Luís Capucho pela sala de exibição sempre esteve presente em sua obra, mesmo

antes dele escrever o livro. Algumas de suas músicas se referem ao cinema. Além disso, ele tem uma composição inteira dedicada a ele, tendo, inclusive, o nome Orly como título. E sua música também se faz presente no livro. Em diversos momentos, Capucho interrompe a narrativa e introduz algumas de suas letras. "Na época em que estava escrevendo, eu achava que iria morrer, então decidi deixar um recado para as pessoas sobre a existência das músicas", comenta.

Hoje, com os movimentos prejudicados e com muita dificuldade para falar, Capucho enfrenta sessões diárias de fisioterapia, além de

um tratamento com fonoaudiólogo. E o esforço já está dando resultado. O músico está voltando a tocar violão e a compor. "Agora já estou conseguindo tirar algumas notas do violão, o suficiente para voltar a compor. Já tenho umas dez músicas novas", acrescenta. E parar não entra nos planos de Luís Capucho. Os desafios que ele pretende superar são muitos. Mesmo com as limitações da voz e dos movimentos, o compositor tem vontade de voltar a fazer shows. "Só preciso encontrar músicos malucos o suficiente para embarcar comigo nesta minha loucura", conclui bem-humorado. ■

O compositor Luís Capucho mistura realidade e ficção na obra **Cinema Orly**

